
Notas bibliográficas

BEOZZO, José Oscar. *Curso de verão. Ano IV.* — São Paulo: CESEP/Paulinas, 1990. 173 p., 22 x 15cm. (col. Teologia popular). ISBN 85-05-01182-1

Como se pode ver, este volume corresponde ao quarto ano de existência dessa maravilhosa experiência de pastoral evangelizadora ecumênica, organizada pelo CESEP (Centro ecumênico de serviços à evangelização e educação popular). Tal iniciativa nasceu em São Paulo e vem sendo implementada em outras cidades (Goiânia, João Pessoa). Consiste num curso de teologia popular para agentes de pastoral. Este livro é o texto redigido pelos conferencistas e que serviu de guia para os alunos durante o tempo do curso.

Este volume tem quatro seções: Bíblica, teológica, pastoral e social (igreja e sociedade). Para cada seção, há pelo menos dois conferencistas que também prepararam em comum ou separadamente, um, dois ou mais textos. Entretanto em todas as seções há um autor católico e outro de outra denominação evangélica.

O original de tal texto é que ele consegue, de um lado, ser escrito por pessoas de alta competência teórica e pastoral no respectivo ramo, e, de outro, assumir uma forma extremamente simples, acessível ao público numeroso, freqüentador do curso. Basta citar o elenco dos nomes dos autores para dar-se conta da sua qualificação: Tereza Cavalcanti, Milton Schwantes, Carlos Mesters, Ione Buyst, Ernesto Barros Cardoso, Júlio de Santa Ana, Marcelo de Barros Souza, Luiz Eduardo Wanderley, Rogério Almeida Cunha.

A temática bíblica central gira em torno da comunidade, trabalhada nos Atos dos Apóstolos (T. Cavalcanti), na primeira carta aos coríntios (M. Schwantes) e no Apocalipse (C. Mesters). Atravessa os três textos uma preocupação de ler a escritura situada no contexto sócio-político econômico do tempo em que foi escrito, mas com referência ao momento atual em que vivemos. Depois de cada estudo, há uma série de perguntas para trabalho em grupo. A seção teológica trata da liturgia cristã (I. Buyst/E. Cardoso). Esta parte está dividida em três dias de estudo. No primeiro dia, dedica-se a uma reflexão sobre a celebração litúrgica na caminhada do povo de Deus. É a parte mais teológica. O segundo dia estuda a organização da vida litúrgica nas comunidades, desde a criação de uma equipe de liturgia até como deve ser feito o trabalho em equipe. O terceiro dia é praticamente um exercício com pistas concretas para preparar uma celebração litúrgica.

A seção pastoral trata do ecumenismo (J. de Santa Ana/Marcelo Souza) em cinco pontos. Parte-se se do dado da revelação da unidade querida por Deus e da triste realidade das igrejas divididas. Em seguida estuda-se a marcha do movimento ecumênico de 1910 até nossos dias. Noutro momento, reflete-se sobre a convocação bíblica à unidade e sobre as respostas das igrejas e dos movimentos populares. Finalmente constata-se os desafios e oferecem-se sugestões pastorais.

Na última parte do livro, há breves noções sobre educação popular (E. Wanderley) com ênfase na clarificação do conceito popular no espaço da cultura popular. Estuda-se também o problema da escola na educação no contexto das exigências impostas pelos interesses populares. A realidade da educação popular ultrapassa os limites da escola.

Numa última parte, elabora-se uma teologia do trabalho (R. A. Cunha) numa concepção e linguajar bem concretos.

Temos em mão ótimo instrumento de formação teológica popular. É esta teologia que vem formando a consciência das camadas populares na perspectiva da libertação. Os agentes de pastoral têm portanto elementos teóricos acessíveis para um aprofundamento dos temas tratados.

J. B. L.

BRAATEN, Carl E. e JENSON, Robert W. (ed.). *Dogmática Cristã*, I. — São Leopoldo: Editora Sinodal, 1990. 551 p., 22,5 x 16cm. ISBN 85-233-0206-9.

A presente obra, que constará ainda de um segundo volume a ser publicado, pretende oferecer um tratado dogmático bastante completo para servir tanto aos alunos de teologia quanto aos agentes de pastoral. Seis teólogos luteranos dos Estados Unidos abordam com clareza, sistematicidade e competência os principais temas da fé cristã. No primeiro volume que estamos apresentando são tratados: prolegômenos à dogmática cristã, o Deus triúno, o conhecimento de Deus, a criação, o pecado e o mal, a pessoa de Jesus Cristo. O volume seguinte se ocupará da obra de Cristo, do Espírito Santo, da Igreja, dos meios da graça, da vida cristã e da escatologia. Os autores não pretenderam sistematizar tais temas numa linha homogênea, que caracterizasse uma corrente teológica. Embora todos eles sejam devedores aos grandes teólogos deste século, como K. Barth, R. Bultmann e P. Tillich, tiveram contudo suficiente liberdade para elaborar sínteses pessoais nas temáticas respectivas. Além disso preocuparam-se em levar a sério a grande tradição cristã do passado e em abrir-se às contribuições de outras denominações cristãs, fato este que valoriza sobremaneira a obra. Assim não se destina ela somente a leitores luteranos, já que qualquer cristão aí encontrará ocasião de esclarecer e aprofundar sua fé. Naturalmente o contexto norte-americano no qual foi escrita esta obra coletiva difere bastante do nosso. Certos temas e enfoques assíduos em nossas sistematizações não se encontram aí presentes. Por outro lado porém traços típicos da cultura moderna, atuantes tanto aqui como lá, como, entre outros, o individualismo e o pluralismo cultural, recebem espaço e tratamento adequados. Em resumo, temos diante de nós uma obra séria, um manual de consulta, uma sistemática cristã atualizada. Numa época marcada pela carência de grandes sistematizações teológicas ganha a presente obra uma importância toda especial. Só nos resta recomendá-la aos estudantes de teologia e a todos que desejem fundamentar melhor as razões de sua esperança.

M. F. M.

BRANDÃO, Margarida L. Ribeiro (org.). *Teologia na ótica da mulher*. — Rio de Janeiro: PUCRJ, Departamento de Teologia, Núcleo de Estudos sobre a Mulher, 1990. 162p. 21X15,5cm

O Núcleo de Estudos sobre a Mulher, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, quer expor, nesta obra coletiva, em que consiste a Teologia na ótica da Mulher. E quer fazê-lo não para um público especializado, mas para estudantes universitários e profissionais de diferentes áreas do conhecimento. Merece destaque o fato de que esta perspectiva teológica seja elaborada na própria linguagem das mulheres e gestada no feminino plural.

A obra consta de seis artigos, introduzidos pela organizadora, Margarida L. R. Brandão. Eles são independentes entre si, porém possuem muitos pontos em comum. Os títulos dos artigos são bastante sugestivos:

1. "A força mutante das mulheres. Paixão e Com-paixão" (Ana Maria Tepedino e Margarida L. R. Brandão). A força mutante das mulheres começa a conquistar seu espaço de atuação, adquire uma visibilidade criativa e atuante.

2. "Algumas referências de Antropologia Teológica acerca da dimensão política da mulher" (Maria da Conceição Corrêa Pinto). A autora mostra, a partir de um enfoque antropológico, a dimensão política da pessoa e, portanto, também das mulheres. Interessante é a parte do artigo que mostra esta dimensão a partir da Revolução. Deus, para comunicar-se aos seres que cria, cria-os à sua imagem como seres relacionais, como mulheres e homens.

3. "A expressão das emoções e o desejo masculino: algumas considerações sobre a identidade masculina" (Sócrates Nolasco). A tentativa de compreender a dinâmica da subjetividade masculina depara com um "silêncio crítico" que paira em torno do papel social masculino. S.N. apresenta primeiro o processo de socialização masculino e depois o papel social masculino e a visão masculina da mulher.

4. "O conhecimento de Deus desde a ótica da mulher" (Maria Clara Bingemer). Como crer e invocar a Deus também no feminino, especialmente na América Latina: eis o objetivo do artigo. A fé num Deus identificado puramente com o masculino é incompatível com a Revelação cristã e sua proposta. A autora coloca o problema a partir de um tríplice dualismo: 1º, alma x corpo; 2º, céu x terra; 3º, eficiência x gratuidade, pragmatismo x experiência. Ora, estes dualismos não encontram base de fundamentação na Revelação Cristã. Depois apresenta o Deus da Bíblia e suas características femininas através de alguns termos vétero-testamentários referidos a Deus. De forma original, mostra o feminino nas pessoas divinas. A intuição que se registra à guisa de conclusão é que Trindade é a possibilidade última de integração do masculino e do feminino.

5. "Uma necessidade urgente: reler a Bíblia com olhos de mulher" (Regina M. O. Borges). Indicam-se as dificuldades da releitura bíblica a partir da mulher latino-americana. Deve-se tomar distância do texto (de leitura e textos machistas) para uma nova aproximação desde a experiência. Embora um dos pontos indispensáveis para essa releitura seja partir dos pobres, há diferença entre reler a Bíblia na ótica do pobre e na ótica da mulher. Por isto, precisa-se ler a Bíblia com olhos de mulher, isto é, com uma clara consciência feminista.

6. "Jesus, a pecadora pública e o fariseu" (Teresa Cavalcanti). Faz-se uma leitura de Lc 7,36-50 tendo como ponto de partida a seguinte questão: qual a atitude de Jesus diante de um fato concreto onde a questão da moral sexual está subjacente? Para responder a esta pergunta, situa o contexto histórico, o contexto literário, a composição e a mensagem do texto. A conclusão oferece pistas que iluminam a vida concreta daqueles que querem seguir a Jesus.

BUYST, Ione. *Como estudar liturgia: princípios de ciência litúrgica*. — São Paulo: Ed. Paulinas, 1989. 20 x 13cm. 143 p. (col. Liturgia e Teologia). ISBN 85-05-01061-2

Ione Buyst, beneditina, é bem conhecida aos que atuam no campo da pastoral litúrgica entre nós. Atualmente, leciona liturgia na pós-graduação da Faculdade N. Senhora da Assunção, em São Paulo. Presenteia-nos um livrinho de um gênero literário muito útil: um guia para o estudo.

Na primeira parte (A ciência litúrgica e suas vertentes significativas) expõe o conceito de "liturgia" e, a partir daí, o significado de uma ciência litúrgica. Indica as vertentes desta ciência na história da liturgia e descobre assim uma teologia que poderíamos chamar de "informal", uma teologia escondida na liturgia (teologia espiritual ou mistagógica)

Na segunda parte (A Igreja na América Latina, sua liturgia e teologia) desloca o foco para a América Latina. Descreve o novo sujeito eclesial e litúrgico: o povo pobre. E deduz daí o nexó íntimo entre libertação dos pobres e salvação celebrada "eficazmente" na liturgia. Esboça assim as linhas fundamentais de uma teologia litúrgica da libertação.

A terceira parte (Ciência litúrgica na perspectiva da libertação) puxa o assunto para o lado prático, falando do sujeito da ciência litúrgica e seu interlocutor, fins e funções, questões relevantes, método e pesquisa-ação. Mencionemos, de passagem, uns tópicos de teologia fundamental importantes para parte e para a obra inteira, como a relação com as ciências humanas e questões de teologia da libertação e da prática celebrativa na América Latina.

O sujeito da ciência litúrgica não é apenas o liturgista, mas o povo inteiro, como sujeito coletivo, pois a liturgia, pelo menos enquanto ação humana, lhe pertence, é sua. Esta posição da A., que pode soar nova a alguns ouvidos, implica em determinada visão da reflexão científica e seu sujeito, que se aproxima do "intelectual orgânico" e supõe a solidariedade e a partilha de visão do intelectual ou estudioso com o povo, que é o verdadeiro sujeito humano da liturgia. O resto são conclusões deste princípio, que a pessoa interessada — o liturgista que prefere estar com o povo a fechar-se numa torre de marfim — poderá ler com maior gosto e proveito no próprio livrinho.

J. K.

AQUINO, Antônio. *Conflito e paz*. — São Paulo: Loyola, 1991. 94 p. 20,8 x 14cm. ISBN 85-15-00297-3.

Há uma abundante literatura de consolo. Muito vendida. Nesse momento de desorientação, de *stress*, de perda de sentido, os profetas do consolo abundam. Muitos jogam com frases adocicadas, superficiais, unindo toques sentimentais com pequenos achados literários. No final, o leitor sai tocado com algum sentimento, mas sem nenhuma idéia mais profunda, sem nenhuma convicção que o fortaleça, sem nenhuma percepção mais penetrante do sentido da vida. Funciona como tablete de analgésico. Alivia enquanto dura o efeito sensível. Logo volta a mesma enfermidade crônica. E lança-se mão então de outra pilula dopante.

O A. desse pequeno livro não entrou por essas veredas. É um homem profundo e bem ancorado na fé cristã. Nos meses que precederam sua recente morte, viveu dolorosa

experiência de enfermidade séria que lhe está proporcionando maior lucidez e gravidade no que escreve e fala. Quem conheceu a pessoa e sabe de sua situação percebe o sentido profundo do livro. São páginas densas de experiência de fé no túnel escuro da doença, que deixa sem movimentos quem sempre andou muito pelos caminhos da pastoral.

Recolhe muito de sua experiência de conselheiro. No livro, estão retratadas inúmeras situações de vida, que o A. recolheu do enorme repertório de sua vivência pastoral. Trabalhou com famílias da burguesia paulista, procurando dar-lhes uma visão da vida que fosse além da riqueza, do prazer, do status, do ativismo febricitante.

A palavra "confiito" traduz o retrato da vida de tantos de seus aconselhados. "Paz" é a mensagem que ele quer transmitir. Mas uma paz que passa por dentro da mensagem cristã, que não pode eludir a dupla dimensão fundamental da vida de Jesus — sua entrega aos homens até a morte e sua fé-confiança absoluta no Deus Pai que vai ressuscitá-lo.

Atravessa o livro a leitura cristã do sofrimento e a fé inabalável na vida eterna. Expressão que parece tão alheia aos ouvidos modernos, mas que é a única realidade capaz de responder, sobretudo nos momentos de maior sofrimento, de doença e de morte.

O A. une extremo bom senso, realismo concreto com uma fé vigorosa na mensagem cristã. Não deixa nenhum momento o leitor ficar consolado com banalidades e palavras doces, mas sugere-lhe o mergulho confiante no oceano da misericórdia e bondade de Deus. Só na fé, na entrega a um Deus Pai, que o homem moderno, no meio a tantos desvarios, poderá encontrar arrimo e tranqüilidade.

J. B. L

FREITAS, João Luiz de. *Despertar de um senso crítico*. — Belo Horizonte: O Lutador, 1988. 177 p. 22 x 15cm.

O A. propõe-se nesse livro "ajudar a sociedade a reencontrar o seu caminho, através do homem — ser responsável diante de Deus e dos homens". E esse homem é o cristão. E quem não o for, responde o A.: torne-se!

Livro colocado numa linha da construção moral da sociedade a partir da perspectiva cristã explícita. O livro conjuga conteúdo com metodologias e pistas práticas. Livro exortativo que quer mover o cristão à ação crítica na sociedade para transformá-la moral e espiritualmente. Livro que parte de convicções sólidas, que na percepção do A. se impõem por sua força. Constata sem mais a impossibilidade do homem conformado com o mundo meramente secular e auto-suficiente entender a mensagem cristã. Não se faz um esforço nem de entender tal situação, nem de traduzir para ela a mensagem cristã. Contrapõem-se ambas de modo radical. Mundo é visto numa perspectiva bem negativa: "os critérios do mundo não servem" (41). Domina o livro uma visão bem tradicional da sociedade, do homem, da moralidade.

O livro não segue o caminho mais comum hoje de um diálogo em que se busque primeiro conhecer melhor a realidade, para depois através de análise mais detalhada ir

estabelecendo pontes críticas que exijam de ambas as partes — a mensagem cristã e a realidade cultural — um repensamento. Prefere partir de uma convicção inabalável e desde ela estabelecer a crítica da realidade e provocar as pessoas a uma mudança e ao cristão a um engajamento nessa luta moral. O livro responderá, portanto, aos interesses e perguntas de quem está à espera de uma palavra de incentivo, mas que não sofre de questionamentos mais profundos.

J. B. L.

ARDUINI, Juvenal. *Destinação antropológica*. — São Paulo: Paulinas, 1989. 283 p. 21 x 14cm. (col. Fermento na massa) ISBN 85-85-10493.

Juvenal Arduini, professor de diversas disciplinas no campo da filosofia, psicologia e sociologia, com ampla experiência de pastoral universitária, é pessoa indicada para escrever sobre antropologia numa aceitação ampla e plurifacial, numa ótica cristã e, mais especificamente, marcada pelo sofrimento e a esperança do homem latino-americano. Nisto está a surpresa de suas reflexões: a amplidão de sua visão o impede o confinamento numa abordagem unilateral, exclusivamente política ou pragmática. Pelo contrário: "Haja Eros revolucionário, e não só revolução erótica" (262).

Não é um livro de raciocínio filosófico abstrato, nem de argumentação teológica sistemática. J.A. é, além e talvez antes de filósofo, um autor, poeta, que sabe "levar à fala" as realidades com as quais coexistimos, inserindo-as num diálogo que aponta um destino-sentido que se revelou, definitivamente, na doação de Cristo. Mas o atraente deste livrinho é que ele não joga a referência cristocêntrica prematuramente diante dos pés do leitor. Antes, vai curtindo, com ele, em estilo bem leigo, as realidades da vida. E a última é: partir. "Havemos de partir com a esperança benéfica... com o destino nas mãos. E se tomarmos pela estrada, outros completarão os passos que não pudemos terminar" (279).

Um reforço para momentos de depressão federal...

J. K.

DREHER, Martin N. (ed.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. — São Leopoldo: Sinodal, 1990. 268 p., 22,5 x 16cm.

É costume na Europa — e em especial na Alemanha — que certas datas natalícias de um professor universitário sejam homenageadas com uma publicação reunindo trabalhos de seus colegas, amigos e discípulos. A presente coletânea é oferecida a Joachim Herbert Fischer, professor de História da Igreja na Faculdade de Teologia Sinodal, agora Escola Superior de Teologia da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), São Leopoldo, RS.

São 23 trabalhos em diversas áreas da pesquisa teológica. Na área bíblica encontramos trabalhos sobre o AT: duas diferentes concepções da promessa da terra no AT

(Friedrich E. Dobberahn); terra e dignidade em Gn 11,27 a 12,20 (Milton Schwantes); sobre 1Sm 28,3-25 (Hans Strauss); Sl 1 e 2 (Erhard S. Gerstenberger); Jonas (Valdir R. Steuernage). São tratados os seguintes temas do NT: a questão dos escravos (Gerhard Barth); 1Co 9,19-23 (dois trabalhos, um de Gottfried Brakemeier, outro de Ulrich Schoenborn); o conflito entre fracos e fortes em Rm 14s (Nelio Schneider). Na área da história da Igreja, abordam aspectos da teologia de Lutero Harm Alpers e Heinrich Tappenbeck; questões da história da IECLB, E. Theodore Bachmann (recordações pessoais), Martin Dreher (o movimento Mucker), Hans-Jürgen Prien (época do Terceiro Reich). Marlon R. Fluck trata do papado na Idade Média. Reflexões mais sistemáticas são apresentadas por Wilhelm Hüffmeier (Igreja e Estado), Harding Meyer (unidade da Igreja), Lindolfo Weingärtner (fraternidade em Cristo); trabalhos mais na linha ou em torno à Teologia da Libertação: Walter Altmann (clamor pelo pão), Hermann Brandt (o uso do judaísmo na TdL), Vitor Westhelle (prolegômenos a uma teologia da terra). Outros temas: educação teológica na Federação Luterana Mundial (Nelson Kirst); religiosidade do adolescente (Danilo R. Streck).

F. T.

DORN, Luitpold A. *Pablo VI, el reformador solitario*. — Barcelona: Herder, 1990. 352 p. 22 x 14cm. ISBN 84-254-1726-0.

Vida de Paulo VI escrita num estilo mais jornalístico. De fato o autor é um jornalista alemão, que trabalhou longos anos no Vaticano e que já escrevera uma biografia de João XXIII. A seqüência dos capítulos segue linearmente os anos de vida de João Batista Montini: família e amigos; secretaria de Estado; Milão; papado; sofrimentos e lutas. Naturalmente muitos episódios e fatos são relatados ao longo das páginas deste livro. Nota-se mesmo que houve uma pesquisa séria em vista da elaboração da obra. Mas o autor permanece demasiado no nível dos fatos e das reações mais superficiais, sem trazer o contexto cultural de então, a problemática eclesial mais de fundo, as discussões teológicas em curso, que realçariam muito mais a rica personalidade humana, a profunda formação teológica e a grande sensibilidade com relação ao mundo moderno, que fizeram de Paulo VI um dos maiores papas deste século.

M. F. M.

DASS, Ram, GORMAN, Paul. *Como posso ajudar? Estórias e Reflexões sobre o Serviço*. — São Leopoldo: Sinodal, Vozes, 1990.

Os autores: Ram Dass, aliás Richard Alpert, é doutor em Psicologia, tem experiência na integração da filosofia espiritual de Oriente no pensamento ocidental, presidente do Conselho da Fundação Seva desde 1985. Paul Gorman é produtor e realizador de programas na WBAI-FM, Pacifica Radio, na cidade de Nova Iorque, desde 1969. Os autores pertencem a Fundação Seva, cuja identidade esta centrada no serviço.

A obra é dirigida principalmente àquelas pessoas que desejam ou precisam ajudar a outros, seja pela própria profissão, seja pela doença de alguém da família, seja pelo próprio impulso de servir.

Estruturada em oito capítulos, aborda a problemática da compaixão como uma atitude natural, quase instintiva no ser humano. Ilumina as perguntas que surgem com a busca de sair de si mesmo para ajudar: a quem?, quando?, por quanto tempo? qual a finalidade e os limites? Redescobre o efeito revelador que tem para si próprio o ser útil para os outros.

Resgata a necessidade de ser livre, sem "modelos", no serviço aos outros. Apresentando o sofrimento como fazendo parte da vida, pergunta: Como encaramos o sofrimento? que opções fazemos diante dele? Só abrindo-nos à dor podemos responder a ele. Por isso, o livro sublinha a importância de ter uma mente realmente capaz de escutar, para o que o próprio corpo deve ajudar.

Quando ajudar pode virar uma prisão? E quando, ao contrário, é um lugar de liberdades encontradas e de limitações assumidas? Os desafios da ação social, a presença do desgaste nas emoções e reações diante do cuidado dos outros, especialmente quando se viram "perito", todos estes problemas são tratados com a grande riqueza dos depoimentos pessoais aqui presentes. As testemunhas apresentadas de vidas dedicadas ao serviço permitem voltar a descobrir o serviço calado na vida do dia-a-dia, em casa, no trabalho ou onde for.

Não é um livro teórico, é um tecido de experiências vitais no encontro com o próprio eu que me foi dado no outro sofrente, a quem vou ou desejo ajudar, no serviço simples da vida em relação com os outros.

Oscar Morelli